

Os três porquinhos e o império global

Era uma vez três porquinhos, ou melhor, dois porquinhos e um lobão. Foi assim que os jornais apelidaram os três senadores do PFL que lideravam as articulações em favor da candidatura de Sílvio Santos, na reta final da campanha presidencial. Estes três senadores, Marcondes Gadelha (Paraíba), Hugo Napoleão (Piauí) e Edison Lobão (Maranhão), fazem parte do **bloco palaciano** dentro do PFL no Senado, que destituiu o senador Carlos Chiarelli da liderança do PFL, em represália contra a participação deste senador gaúcho na CPI da Corrupção, que entrou pela porta dos fundos do Palácio do Planalto cozinha a dentro e deu "os nomes aos bois". Na primeira oportunidade que teve para assumir interinamente a Presidência da Câmara dos Deputados, em substituição ao deputado Paes de Andrade, que por sua vez ocupou interinamente a Presidência da República, o deputado Inocêncio de Oliveira (PFL-PE) mandou arquivar o tão esperado relatório desta CPI do Senado (que continha provas suficientes para instaurar um processo de **impeachment** ao senhor Presidente da República). Agora, o deputado Inocêncio aparece como coadjuvante dos três porquinhos no lançamento de Sílvio Santos. Sendo que o dossiê daquela CPI foi levado para a campanha collorista e para a **Rede Globo** pelo senador: Chiarelli, quando debandou para o PRN, fica mais do que patente e transparente o envolvimento direto do presidente Sarney no lançamento desta candidatura esdrúxula de última hora, para tumultuar a eleição presidencial, e desesperadamente tirar os dois candidatos que lideram as pesquisas, Collor de Mello e Lula, que juram enquadrar a gangue palaciana por cinco anos de falcatruas, a partir de 16 de março de 1990.

Mas, quais são as consequências deste episódio? Nesta última cartada, num jogo já dado como perdido por quase todos, o presidente Sarney, tentou "virar a mesa", bem no estido do velho faroeste, para aproveitar esta confusão para sacar a sua arma e abater os dois jogadores que haviam acumulado o maior número de fichas na mesa, durante este jogo que já dura quase dez meses. Porém, nesta tentativa de aplicar um "golpe de mestre", o tiro pode sair pela culatra.

Acontece que neste tão patético quinto ano do governo Sarney, o Presidente viu a sua aprovação popular cair a níveis inéditos na história de pesquisas deste tipo, perdeu seu respaldo parlamentar em condições piores de que as do presidente Figueiredo em 1983-84, e foi reduzido a apenas duas instituições poderosas para sustentá-lo — as Forças Armadas e a **Rede Globo**. Agora, aparentemente perdeu o apoio do senhor Roberto Marinho, dono do império global, e teria que aguentar até o dia 15 de março de 1990 apenas com o apoio das Forças Armadas e o sub-império da SBT.

A Presidência Sarney serviu bem aos interesses comerciais e econômicos do império global, até o ponto de promover seu mais temido concorrente, — Sílvio Santos. Assim, em questão de poucos dias este governo se tornou tão "descartável" quanto o do presidente Figueiredo no caso das

"Diretas Já" em 1984. Naquela época, vendo os seus interesses contrariados por sua equivocada oposição a este grande movimento popular, o senhor Roberto Marinho mudou de idéia e vestiu a camisa das "Diretas Já" e enfrentou a ira daquele governo militar. Quando o seu candidato a candidato dentro do PDS, Aureliano Chaves, foi preterido na disputa Paulo Maluf-Mário Andreazza, o império global desembarcou na "Aliança Democrática" que, após receber o aval do Alto Comando do Exército e do TSE em novembro de 1984, pôde eleger a chapa Tancredo-Sarney no colégio eleitoral de janeiro de 1985. As comparações entre esta sequência 1984/85, e o atual caso em 1989 têm semelhanças, mas não são rigorosamente iguais.

O senhor Roberto Marinho não aceita a análise do grupo Sarney, de parte dos militares e uma parte considerável dos empresários paulistas de que a candidatura Collor de Mello não tem como barrar a eleição de Brizola ou Lula no segundo turno, e que precisa de um "reforço" de um fato novo (Sílvio Santos) para desequilibrar a disputa. O império global raciocina, ao contrário, que justamente este tumulto que não vai levar nem Sílvio Santos e nem Collor de Mello ao segundo turno, pode até garantir a presença de **Lula e Brizola** no segundo turno; ou pelo menos, deixar Collor de Mello muito enfraquecido para uma eventual disputa com Lula ou Brizola, que a esquerda vencerá com facilidade.

Com este lance, Sarney e o seu grupo conseguiram uma proeza, até então dado como impossível — a união momentânea de propósitos comuns entre o senhor Roberto Marinho, Leonel Brizola, Lula e Collor de Mello. Espera-se, nos próximos dias, a reabertura da CPI do Senado Federal sobre a corrupção palaciana em capítulos contundentes, todas as noites, no Jornal Nacional, e até alguns Globo Repórter sobre o assunto.

Ai dos três porquinhos e seus aliados em relação às suas ambições políticas em 1990! Os senadores Hugo Napoleão e Edison Lobão estarão mais tranquilos, pois enfrentarão a reeleição somente em 1994, mas o senador Marcondes Gadelha (que já estava quase perdido na Paraíba, antes do lance Sílvio Santos), já está liquidado para 1990, se incorrer a ira total do império global e se for "banido das telas" por alguns anos. Nestes curtos nove dias antes do primeiro turno, não se sabe se haverá tempo hábil para forjar uma edição 1989 da "Aliança Democrática" de 1984/85, em torno de um candidato mais confiável de centro-esquerda, tipo Mário Covas. Conforme os resultados do primeiro turno, haveria mais tempo para uma "costura" de uma aliança nesta direção, com amplo apoio da **Rede Globo** do jornalista Roberto Marinho.

Com o possível naufrágio da jogada Sílvio Santos, é provável que o presidente Sarney e os seus três porquinhos procurem um "entendimento" ou uma trégua, para, no mínimo, **garantir a imunidade** do grupo palaciano em 1990 e evitar uma devassa na linha do recheado dossiê da CPI do Senado Federal.